

Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

Facebook + LMS: cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância

Inês Messias
Lina Morgado

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MESSIAS, I., and MORGADO, L. Facebook + LMS: cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 403-427. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Facebook + LMS

cenários para o envolvimento do
estudante na aprendizagem a distância

Inês Messias

Lina Morgado

Introdução

A Web 2.0 faz parte da nossa vida pessoal, profissional ou acadêmica e tem vindo a ser adotada pelas instituições de ensino superior de forma diferenciada. Quer a sociedade, quer a educação vivem momentos de grandes desafios e mudança, procurando tornar-se mais personalizada, com abordagens focadas no conhecimento, socialmente ligada e envolvente de modo a incluir, tanto os chamados nativos digitais, como os imigrantes digitais (PRENSKY, 2001). Estes desafios implicam que os estudantes desenvolvam competências que lhes permitam aprender com recurso às ferramentas digitais, efetuar pesquisa, seleção de informação, reflexão, colaboração, produção e partilha de conhecimento.

Assim, aprender na era digital não depende só duma aquisição individual, centrada no armazenamento ou recolha de informação. De acordo com Siemens (2004) a aprendizagem atual depende da conectividade entre os indivíduos e tende a diluir as fronteiras entre a aprendizagem formal e informal.

São vários os autores e os relatórios internacionais (HORIZON REPORT, 2012; 2013) que têm defendido a integração da Web 2.0 no ensino quer do ponto de vista mais individual por meio de práticas docentes inovadoras (MEJIAS, 2006; DALSGAARD, 2006; MOTA, 2010), quer do ponto de vista organizacional (MASON e RESNIE, 2008). Num relatório efetuado sobre o seu contributo para o ensino superior, Conole e Alevizou (2010) efetuaram uma classificação sobre as suas vantagens e eficácia.

Estes dados justificam a importância dos estudantes adquirirem determinadas competências que os ajudem a criar redes de conhecimento e a utilizar as ferramentas da Web 2.0 quando integrados profissionalmente, mesmo quando vistas como de entretenimento (games, celulares, etc). Assim, numa sociedade que se diz digital, saber usar as ferramentas que estão disponíveis de forma eficaz é uma necessidade, nomeadamente para o estudante que frequente ensino a distância (EaD) ou ensino mediado pela tecnologia.

De acordo com a Forbes, em Dezembro de 2013 o Facebook continuava a constituir a rede social com maior número de utilizadores: “Facebook continues to lead the pack in terms of number of active monthly users (1.15 billion at last count).” (DEMERS, 2013). Tendo em conta estes dados, selecionou-se o Facebook entre as redes sociais existentes, como plataforma possível de ser usada em contextos de educação a distância complementando os cenários de LMS, pretendendo compreender quais as características desta rede social e o seu papel na aprendizagem em EaD.

A Web 2.0 e as redes sociais

A Web 2.0 distingue-se em termos de inovação ao permitir contribuir com conteúdo sem que seja necessário conhecimento técnico a nível informático, possibilitando assim, o envolvimento e participação dos utilizadores na criação de conteúdo e construção de conhecimento na rede (MOTA, 2009). Tanto os Blogs, como

Wikis, as ferramentas de *bookmarking* ou as redes sociais por exemplo, possuem características colaborativas, e por isso, permitirem a partilha e a interação entre os utilizadores. Este envolvimento que a Web 2.0 permite levou a um crescimento na sua utilização diária e marcou a sociedade dos dias de hoje como sendo digital. Para Castells (2004) este é já o núcleo da nossa sociedade: “the network society is not the emerging social structure of the Information Age: it already configures the nucleus of our societies”.

Por outro lado, com o advento das redes sociais e dos blogs (2004) se deu-se um boom na utilização da Web. Redes como o Facebook, o *Flickr*, o *Youtube*, o *LinkedIn* ou o *Twitter* bem como plataformas como o *Wordpress* ou o *Diigo* contribuíram para o rápido crescimento da utilização de serviços Web, que simultaneamente com o fato dos computadores se terem tornado mais acessíveis possibilitaram o desenvolvimento crescente e a utilização das ferramentas web, quer para comunicação quer para partilha multimedia (fotografias, vídeos) ideias, construção de documentos colaborativamente e em tempo real, ou mesmo para divulgação de portfólios profissionais.

A evolução para a Web 2.0 trouxe consigo não só a possibilidade de colaboração e a partilha online, mas uma Web mais dinâmica em que a criação/alteração de conteúdo pode ser feita pelos indivíduos e em que as possibilidades de comunicação síncrona e assíncrona são possíveis por meio de múltiplas plataformas entre as quais as redes sociais. Qualquer indivíduo pode editar conteúdo online, partilhar e a colaborar em tempo real com ferramentas colaborativas, (por exemplo o Google Drive ou Wikis). Na sua essência, a Web 2.0 é colaborativa e as redes sociais online são as «aplicações» mais utilizadas atualmente por todos, envolvendo uma implicação pessoal através, por exemplo da criação de um perfil, *upload* de fotos e breves descrições pessoais, assim como publicações sobre interesses pessoais ou profissionais ou assuntos que os utilizadores considerem relevantes para partilha.

São diversos os autores que procuram definir e circunscrever o conceito de rede social dado existir referências muito diversas na literatura. Boyd e Ellison (2007) e Boyd (2010) são alguns dos que definem uma rede social como:

um serviço Web que permite aos indivíduos :1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado, 2) articular uma lista de outros utilizadores com os quais se partilha uma conexão, e 3) ver e explorar a sua lista de conexões e as realizadas por outros utilizadores dentro do sistema. (BOYD; ELLISON, 2007)

No entanto para Ellison, Steinfield e Lampe (2007) definem-se como sites para contato entre pessoas com as quais já se possuem relações offline mais do que ligar-se a outros ou “fazer amizades” com novos conhecimentos. Já para Ahmad (2011) uma rede social define-se como um *site* que possibilita a partilha de dados, imagens e outro tipo de informação entre o utilizador e os seus contactos nessa mesma rede: “a web site that provides a social community for people interested in a particular subject or interest together”.

Ainda de acordo com Boyd e Ellison (2008), desde que foram introduzidas as redes sociais, como o *MySpace* e o Facebook, que se regista uma atração de milhões de utilizadores que integram nas suas rotinas diárias, não só porque permitem o contacto permanente com amigos e outras pessoas, mas também porque ao adicionar contactos profissionais se torna possível aceder a informação de interesse profissional de forma quase instantânea como ainda é possível aceder a informação tornando estas plataformas apelativas pela sua componente social, mas também pelo volume de informação de interesse e pelas ligações que permitem.

Nos estudos realizados por Burke, Marlow & Rente (2009; 2010) foram identificados um conjunto de elementos que

caracterizam uma rede social bem sucedida. De entre eles destaca-se a informação publicada pelos seus utilizadores, quer nos grupos ou entre todos os contactos do indivíduo. Este produz um fluxo de respostas e troca de mensagens, que por sua vez, gera o envolvimento dos próprios participantes e, conseqüentemente, um maior número de publicações e de participações.

Atualmente existem diversas redes sociais na Web que agregam milhões de indivíduos em todo o mundo, muito embora possam ter características, objetivos e públicos distintos. Entre as mais populares destacam-se o Facebook, o *LinkedIn*, o *Orkut*, o *Twitter*, o *Youtube* e o *Myspace* registando-se que, embora as publicações dos utilizadores variem de rede para rede, a mais utilizada é o Facebook.

O Facebook tornou-se uma das redes sociais mais populares, quer entre adultos, quer entre os jovens (BOYD, 2010). Em junho de 2013 era a rede social mais utilizada quer na Europa, quer na América e na Austrália. Foi tendo em conta a crescente utilização do Facebook que professores do ensino superior começaram a adotar esta rede social como forma de manter o contacto com os estudantes fora da sala de aula. Pempeck, Yermolayeva & Carvet (2009) reportam que os primeiros estudos que relatam o seu uso no ensino superior procuravam investigar o uso de redes sociais em geral.

De acordo com Arnold e Paulus (2010), quer o Facebook quer outras redes sociais estão a ser cada vez mais utilizadas em contexto educacional, verificando-se o design de cenários e atividades centradas na sua integração seu uso pelo que se torna importante saber utilizá-las eficazmente.

Para além das questões da relacionadas com o seu uso em termos da aprendizagem formal são conhecidas as experiências e investigações sobre o seu uso para promover a sociabilidade e presença social. De acordo com Llorens e Capdeferro (2011) a “sociabilidade” no Facebook é construída por meio duma estratégia intencional que coneta os utilizadores entre si mas, também, em numerosos círculos, sub-redes, eventos e grupos assumindo que a

produção de experiências de vários tipos se trata dum evento social baseado em recursos e conteúdo contribuído e partilhado pelos indivíduos e processados através das ferramentas.

Criada em 2004 por Zuckerberg, após um mês da sua criação, metade dos estudantes de Harvard tinham criado um perfil nesta rede social online, que é hoje a mais utilizada em todo o mundo. Em 2005 mais de 800 estudantes universitários e do ensino secundário pertenciam a esta rede. Em 2006 permitia acesso a 22,000 organizações comerciais e ainda no mesmo ano teve a sua grande expansão ao permitir o acesso a qualquer pessoa com mais de 13 anos e com um email válido (WILSON, GOSLING, & GRAHAM, 2012). O seu crescimento continua até hoje, a expandir-se globalmente e, entre diversos grupos etários. De acordo com as últimas estatísticas, esta rede contava com mais de 1.23 biliões de utilizadores ativos a 31 de Dezembro de 2013, dos quais 757 milhões o usavam diariamente (FACEBOOK, 2014). E embora tenha sido concebida inicialmente para estudantes do ensino superior, em 2010, 28% dos seus utilizadores tinham mais de 34 anos (FLETCHER, 2010).

A arquitetura do Facebook baseia-se num conjunto de perfis que estão ligados entre si por “amizades” ou por “gostos”. Cada utilizador pode ver o seu perfil, o *feed* de conteúdos que inclui as publicações de todos os seus contactos, e os perfis individuais dos seus contactos e/ou páginas de interesse (eventos, instituições, grupos, etc.). Pode dizer-se que a componente central desta rede social são as publicações realizadas pelos seus utilizadores, permitindo “gostar” ou “comentar” publicações, demonstrando deste modo os interesses e as opiniões do seu autor. Para além disso o utilizador dispõe dum sistema de mensagens privadas e de grupo.

Em 2010 o Facebook permitiu a criação de grupos fechados entre os seus contactos de forma a poder gerir as suas publicações tornando-as apenas visíveis para uma parte dos seus contactos, quando assim o desejar. É possível criar grupos privados de discussão onde apenas podem visualizar e participar membros convidados

pelos administradores do grupo. No grupo do Facebook o centro encontra-se no Mural.

Para além dessas funcionalidades não se requer que os membros dum grupo sejam “amigos”. O utilizador dispõe ainda de aplicações, tais como, jogos, votações, questionários e ferramentas para análise da rede e grupos a que pertence.

Ainda de acordo com Wilson, Gosling, & Graham (2012) embora esta rede esteja em constante atualização, com cada vez mais ferramentas e utilizadores, os estudos realizados até hoje permanecem válidos, uma vez que a sua estrutura organizacional permanece estável e com os mesmos propósitos: “(a) colocar informação auto-relevante num perfil ou mural individual, (b) ligação a outros membros e criar uma lista “amigos”, e (c) interagir com outros membros” (BUFFARDI e CAMPBELL, 2008; TUFEKCI, 2008).

Sublinhe-se que os objetivos acima referidos interpretam de fato a natureza desta rede social, levando a refletir sobre os objetivos de quem a usa: sociabilizar, criar ligações entre utilizadores que partilhem os mesmos interesses e manter ligações já existentes *offline*, mas que pela distância, sem estas redes, não tornariam possível manter um contacto diário ou ainda, ter ligações de interesse, que beneficiassem o utilizador.

Utilização das redes sociais na educação a distância e elearning na universidade

São múltiplas as experiências, os relatos de boas práticas e os relatórios de investigação que documentam o uso das diversas redes sociais no ensino formal e informal, quer como complemento de outras plataformas quer de forma integrada. A sua adoção tem merecido atenção por parte dos educadores com intervenções na prática educativa muito diferente nomeadamente em contextos não-formais e informais (PISCITELLI, ADAIME & BINDER, 2010).

Contudo, qualquer abordagem deve merecer alguma atenção quando se trabalha na perspectiva de uma rede social, ou de uma comunidade de aprendizagem ou de um grupo. Dron e Anderson (2007) discutem esta problemática definindo as características e fronteiras conceituais destas entidades.

De acordo com dados de Allen e Seaman (2008) grande parte das instituições de ensino superior já integraram nos seus campus um *Learning Management System* (LMS) ou um *Open Source Course Management System* (CMS) ou um *Virtual Learning Environment* (VLE) de forma a organizar e disponibilizar os seus programas de ensino em diferentes contextos como complemento de atividades presenciais ou até disponibilizando pelo menos alguns cursos, disciplinas ou conteúdos online.

Por natureza, os LMSs são utilizados em contextos formais, habitualmente como ambientes fechados à comunidade académica em que se desenvolvem e restritos a um número de participantes, curso ou tópico específico. Os LMS podem ser proprietários ou *open source* como é o caso do *Moodle* que se situa como o LMS mais popular e consensual.

O *Moodle* é uma plataforma *online* que integra um conjunto de ferramentas que permitem criar e gerir um espaço onde os estudantes podem aceder a conteúdo disponibilizado pelo professor, e onde os agentes podem interagir entre eles de forma síncrona e/ou assíncrona. De acordo com Alves e Gomes (2007), as características específicas do *Moodle* podem reunir-se 4 dimensões:

- Acesso protegido e gestão dos perfis dos utilizadores – criando um ambiente *web* privado para os participantes de um curso, ao mesmo tempo em que permite atribuir diferentes níveis de permissões, para professores e alunos;
- Gestão de acesso aos conteúdos, permitindo ao professor colocar online conteúdos em diversos formatos, gerir o intervalo de tempo a que os estudantes têm acesso a

- determinados conteúdos e ainda controlar a forma como os estudantes interagem com os conteúdos;
- Possui ferramentas para comunicação síncrona e assíncrona, permitindo a comunicação entre os utilizadores;
 - Permite o controlo de atividades e regista todas as atividades e ações feitas pelos estudantes e os professores.

Uso do grupo Facebook como alternativa LMS para aprendizagem colaborativa

Neste ponto pretende-se rever a investigação sobre o uso do grupo Facebook como plataforma de conteúdo e interação e as suas diferenças com os LMS mais tradicionais.

São vários os estudos que procuram argumentar o interesse do uso dos grupos Facebook como alternativa ao uso de LMS entre os quais se situam por exemplo, Loving e Ochoa (2011), Llorens e Capdeferro (2011), Alvaréz e Lopez (2013). Estes autores documentam o uso positivo em contexto universitário numa experiência de aprendizagem num grupo do Facebook numa universidade argentina para o desenvolvimento de atividades colaborativas, nas quais os estudantes se comprometiam com a realização duma tarefa comum construída pelo grupo por meio da negociação de significado no sentido dado por Dillenbourg (1999).

Llorens & Capdeferro (2011) estudaram as fragilidades e fortalezas do Facebook para a realização de atividades colaborativas em contextos de formais de EaD numa uc de mestrado. Os autores analisaram e avaliaram as atividades realizadas no contexto dum Grupo, quer em termos tecnológicos, quer em termos educacionais tendo concluído que, do ponto de vista do seu design e grau de desenvolvimento de ferramentas próprias, o Facebook não é a melhor opção para o desenvolvimento de projetos de trabalho colaborativo especialmente se implicarem elevada necessidade de controle de tempo, organização da informação e gestão da flexibilidade da tarefa.

Apesar disso, os resultados obtidos apontam para a consideração do seu potencial, sobretudo devido à elevada disseminação entre os utilizadores e aquilo a que designaram como elevada conectividade e possibilidade de adoção de abordagens à aprendizagem inovadoras posicionando-a como plataforma a considerar no caso do design de experiências de aprendizagem colaborativa.

Também Wang, Woo, Quek, Yang e Liu (2011) descrevem o uso do Facebook *Grupos* como alternativa a uma LMS convencional argumentando esta viabilidade dado possuir elementos quer tecnológicos quer pedagógicos e sociais característicos dos LMS possibilitando por isso, tanto a partilha de materiais e recursos como a comunicação e a interação entre os indivíduos. Contudo, os seus resultados mostraram que é percecionado por estes estudantes como um ambiente inseguro em certa medida e violando a privacidade dos seus utilizadores.

Os resultados do estudo de Meishar-Tal, Kurtz e Pieterse (2012) cujo objetivo era investigarem se os *Grupos do Facebook* possuíam efetivamente características dos LMS e ao mesmo tempo ultrapassam algumas das suas desvantagens constituindo-se como alternativa.

Burke, Marlow e Lento (2009) agrupam os tipos de participação nas redes sociais online em três categorias: a) *Aprendizagem social*, evidenciada por meio duma participação do utilizador quando vê que os outros utilizadores fazem; b) *Retorno*, evidenciada por meio dos efeitos que os utilizadores têm num novo utilizador; c) *Distribuição*, manifestada pela estrutura geral do conteúdo e exposição alcançada por meio da participação. De acordo com esta categorização identificam-se níveis de participação dos utilizadores como por exemplo, um utilizador que apenas veja o que os seus contatos publicam e que não participa ou publica, não partilha as que vê como interessantes ou comenta, terá poucas oportunidades de aumentar a sua rede de contatos e de contribuir para a criação de conhecimento da comunidade/rede em que está inserido.

Nentwich e Konig (2014) especificam tipos de perfis que dividem em 5 níveis¹, do pouco frequentador da rede até ao participante ativos com papel de moderador e administrador de grupos. De acordo com os autores, o perfil mais comum é aquele que raramente visita a rede e só esporadicamente ativo (*me-too-presence*). Segue-se um perfil mais detalhado, mas sem grande participação na rede (*digital calling card*). O terceiro perfil indicado é o de *passive networking*, ou seja, um utilizador com publicações irregulares e que reage a sugestões de contato, comunicando esporadicamente com outros membros. O segundo perfil mais ativo é o de *active networking and communication*, um utilizador regular, que usa diversos serviços disponíveis na rede, participa em fóruns de discussão e procura potenciais contatos, para além dos que já tem na sua rede. O perfil mais ativo e também menos frequente é o *cyberentrepreneurship* em que o indivíduo participa ativamente com publicações e comentários e administra e gere grupos.

Habitados a frequentarem múltiplas plataformas em simultâneo, os estudantes de hoje sentem pouco entusiasmo quando confrontados com o ensino tradicional ou até mesmo com plataformas pouco dinâmicas. No entanto, não basta ter acesso a toda esta tecnologia, e aplicá-la só por si. É necessário saber como usar estas ferramentas adequadamente do ponto de vista pedagógico (MORGADO, 2011) para potenciar o envolvimento cada vez maior dos estudantes no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo outras competências como a aprendizagem profunda, o pensamento crítico, a colaboração entre pares e a reflexão.

Embora muitos professores vejam a necessidade de desenvolver estas competências nos estudantes de modo a usarem as ferramentas da Web 2.0 de forma adequada e aplicada aos seus futuros contextos profissionais, são diversos os constrangimentos colocados à sua utilização, entre as quais por exemplo, as barreiras colocadas pelos próprios professores, que não compreendem o seu potencial

1 perfis ideais afirmando que na prática, existam perfis mistos

quando utilizadas de acordo com princípios pedagógicos corretos, tendo visões superficiais, centradas no imediatismo lúdico e sem qualquer valor para o desenvolvimento de competências futuras, e em muitos casos proibindo o seu uso (ROBLYER, MCDANIEL, WEBB, HERMAN e WITTY, 2010).

A questão que se coloca é, portanto, compreender como podem estas ferramentas ser úteis para potenciar o envolvimento dos estudantes? Como podem estas plataformas contribuir para que os estudantes realizem as suas aprendizagens?

Há que motivar os estudantes a serem utilizadores ativos, participativos, proativos e reflexivos nas redes sociais, e para isso é necessário que, também, os docentes o sejam. Para que isto aconteça e haja aprendizagem na área profissional ou de estudo em redes sociais *online* com o Facebook, torna-se importante criar uma rede não só com amigos e familiares, mas com contactos relevantes do ponto de vista profissional, com as mesmas áreas de interesse, para que a probabilidade das publicações relevantes do ponto de vista educativo sejam mais elevadas.

A sensação de isolamento e solidão foi detetada em alguns estudos que encontraram uma ligação entre o tempo que se passa na internet e a solidão e o isolamento social. Este aspeto negativo é referido como geral à utilização da internet e não só das redes sociais ou em relação ao Facebook em especial. No entanto, estudos mais recentes diferenciam entre a utilização da internet para atividades de carácter social ou apenas para entretenimento, onde a sensação de isolamento e solidão apenas prevalece em pessoas que usam a internet apenas quando estão sós, para entretenimento (BURKE, et al, 2010, p. 1).

Estudos como o de Zhao (2006) ou os de Kraut, Patterson, Lundmark, Kiesler, Tridas & Scherlis (1998) e Kraut, Keisler, Boneva, Cummings, Helgeson, & Crawford (2002) e os dados de outros estudos **Quintas-Mendes**, Morgado & Amante (2008; 2010) sobre a comunicação mediada por computador demonstram que o retorno social que advém da utilização da internet depende

da personalidade de quem a utiliza, referindo que pessoas mais tímidas, com poucos contatos ou que interagem pouco socialmente, mesmo online, tendem a sentir-se sós, e pessoas com personalidade mais extrovertida, com redes maiores de contatos ou com maior facilidade em participar com comentários e publicações e em chats, revelam tendência para se sentir ainda mais acompanhadas, fortalecendo laços com quem já conhecem offline e criando laços com quem apenas têm contacto a distância.

Para além destes aspetos a considerar, como em qualquer outra plataforma, existem aspetos positivos e negativos a ter em consideração e o desenvolvimento de competências, quer por professores quer estudantes, ao adotar-se uma rede social como o Facebook em contexto letivo, para que seja possível a criação de conhecimento por meio destes ambientes.

Sentir que se pertence a uma comunidade é apontado em diversos estudos como sendo um aspeto essencial para que os estudantes se sintam motivados. De acordo com Madge, Meek Wellens e Hooley (2009) a socialização foi um dos contributos mais significativos que o Facebook trouxe para os estudantes universitários. No seu estudo destaca que 56% dos estudantes de primeiro ano responderam que esta rede social os ajudou na integração, 84% utiliza esta rede social diariamente e 68% diz sentir fazer parte da comunidade Facebook, sendo uma importante componente das suas vidas sociais. O mesmo estudo refere ainda que 54% dos estudantes que ingressa numa universidade já possui uma conta no Facebook, 25% criou uma conta nesta rede antes de entrar para a universidade, por saber que é indicada para estudantes universitários e para fazerem alguns contatos antes do início das aulas, e 13% juntou-se a esta rede imediatamente após começar os seus estudos.

O sentimento de pertença a uma comunidade ajuda não só na integração dos estudantes como facilita a comunicação entre os que a esta comunidade pertencem. Nos estudantes a distância esta poderá ser uma característica a ter em conta como positiva para a adoção do Facebook em contexto letivo. Principalmente

na criação de grupos entre estudantes, entre professores e estudantes ou mesmo para tópicos de discussão específicos duma disciplina ou curso, uma vez que poderá facilitar a comunicação entre pares e entre estudantes e docentes, integrando o estudante e mantendo um contacto próximo, fazendo com que se sintam parte da comunidade.

Este aspeto poderá conduzir o estudante a perceber um maior acompanhamento por parte da comunidade académica. No entanto, este contato entre os docentes e os estudantes por meio do Facebook deverá ser feito de forma cuidadosa. No estudo de Madge e outros autores (2009) embora 53% dos estudantes tenham respondido positivamente acerca de utilizar esta rede para fins educacionais tendo até sugerido atividades, apenas 7% diz utilizar a rede como parte do ensino formal, apenas 22% diz ter ajudado em algumas situações, e só 10% diz utilizar o Facebook para discussões académicas com colegas.

O mesmo estudo refere que estes números aumentaram com o passar do ano letivo, ainda que, referindo que os docentes deveriam apenas fazer publicações relacionadas com o ensino, ou que apenas seguem docentes com os quais têm uma ligação positiva em situação de sala de aula. Alguns dos problemas apontados pelos estudantes em relação à presença dos docentes no *Facebook* poderão ser eliminados com a criação de uma lista só para alunos, em que o docente apenas torna visível a este grupo publicações relacionadas com o ensino ou com os interesses dos estudantes, impossibilitando, desta forma, o acesso a publicações pessoais. Outro aspeto será o de sensibilizar os estudantes a criarem eles também uma lista só para docentes. A questão está de facto no saber utilizar de forma inteligente as redes sociais para o ensino, filtrando as publicações, de forma a não interferirem na componente pessoal desta rede.

Em termos educacionais, a questão de aumentar a rede de contatos também é importante, especialmente para a “criação de contatos relevantes na área de interesse”, de forma a potenciar o acesso informação relevante, como por exemplo: novos tópicos de

discussão, avanços na área, sugestões de leituras, páginas de interesse, conferências, palestras e outros contatos.

De acordo com Nentwich e König (2014) o Facebook demonstra potencial como plataforma de relações públicas para cientistas, universidades, institutos e associações escolares. Os mesmos autores referem que plataformas como o Facebook podem ser utilizadas para comunicação síncrona, para troca de informação, sob forma de *micro-blogging* por meio dos *posts*, ou através da plataforma de *chat*, referindo especificamente o contributo que poderá trazer para o *e-learning*, até porque, como indicam os autores, o número de acadêmicos e cientistas em redes sociais tende a aumentar, à medida que as novas gerações entrarem para o ensino superior e para a investigação. Ao criar uma rede de contatos relevantes para as áreas de interesse, será possível utilizar o Facebook não só como meio de comunicação, mas para cooperação e motivação. Mas para isso, será necessário ultrapassar ou clarificar certas questões, apontadas como negativas.

Para além do aspeto da segurança e privacidade apontado por vários autores, Nentwich e König (2012) apontam como aspetos negativos as limitações técnicas, a falta de experiência em utilizar redes sociais, o ceticismo em relação às questões de segurança, a necessidade de criar uma cultura de colaboração online, a distração provocada pelas publicações pessoais e pela possível utilização simultânea de múltiplas plataformas e a questão do acesso à demasiada informação e de desenvolver competências de filtragem.

Para quem já usa o Facebook, como a maioria dos estudantes, as questões de privacidade não se colocam, já as aceitaram previamente. Para os investigadores e docentes relutantes em publicar sobre o seu trabalho académico, isto poderá ser um problema, embora, seja uma questão que se aplica a toda a internet e qualquer rede social, não apenas ao Facebook.

Usar o Facebook para a educação, ainda que seja uma plataforma informal, implica que o estudante adquira algumas competências para que a sua utilização seja eficaz na construção de

conhecimento. Inclusive preparar o seu perfil, criando múltiplos grupos, ter o cuidado de verificar para quem dirige as suas publicações, ter o cuidado de verificar regularmente as discussões nos grupos educacionais privados, procurar contatos relevantes para a sua área de interesse, dedicar tempo à gestão destas redes educacionais.

Já para os docentes que adotarem estas redes nas suas metodologias isto implica o gerir múltiplas plataformas, umas formais outras informais. Deverão manter a sua presença em ambas as plataformas, e conseguir gerir em ambas uma comunicação frequente, com os seus contatos. Para além disto, será, também, sua tarefa passar aos estudantes as competências necessárias para utilizarem estas plataformas para o ensino, promovendo a proactividade, a conectividade, a colaboração, reflexão e saber seleccionar de toda a informação disponível, apenas aquela que seja válida e a relevante.

De acordo com Bassani (2011) a definição de aprendizagem online tem tido diferentes terminologias, como *e-learning*, *Web-based learning*, *distance learning*, embora todas se refiram ao uso da internet para aceder a materiais online e interagir com conteúdo, com o docente e outros estudantes, de forma a obter apoio durante o processo de aprendizagem, de forma a adquirirem conhecimento, a construírem significado pessoal e crescer profissionalmente com a experiência de aprendizagem. (BASSANI, 2010, p. 931). Todas estas características só poderão ser potenciadas por redes sociais como o Facebook.

Num estudo realizado em 2010, por Moira Burke, são mencionados os benefícios que as redes sociais poderão trazer devido à sua estrutura social. Benefícios que incluem o acesso a nova informação, adquirida por meio de contatos estabelecidos em redes sociais, e a aprovação e apoio de publicações pelos seus pares. Este aspeto, em conjunto com a possibilidade de troca de ideias e publicações com contatos relevantes online para as suas áreas de estudo, juntamente com a componente social e sensação de pertença nestas comunidades, leva a que o Facebook seja uma plataforma com potencial para o Ensino a Distância.

Mas por que sugerir a utilização do Facebook e não de outra rede social mais vocacionada para a investigação? As redes sociais profissionais não são atrativas para a maioria dos estudantes, ao contrário do Facebook, que faz parte das suas rotinas diárias. “Research has suggested that Facebook is a potentially useful tool for promoting effective academic practice” (MADGE et al, 2009). E embora que criar uma rede com utilizadores relevantes a nível educacional e científico possa levar tempo e os seus benefícios não se consigam visualizar a curto prazo, Nentwich e Konig (2010, p. 116) afirmam que para o sucesso do investimento educacional nesta rede, o ceticismo terá de ser ultrapassado. Um passo inicial poderá ser o de criar grupos de acesso fechado, para estudantes de um curso ou cadeira específica, onde apenas entrarão os estudantes desse curso, instituição ou disciplina.

As redes sociais como o Facebook têm o potencial de aumentar a frequência e diversificação de trabalhos colaborativos entre os estudantes e mesmo entre docentes e investigadores. Particularmente para o Ensino a Distância, onde um dos problemas é o isolamento dos estudantes, levando por vezes a desistirem dos seus estudos. Estas redes poderão contribuir de forma positiva pelo seu lado social e por possibilitarem um contacto frequente e próximo quer com colegas, ou docentes, mas também com especialistas, criando a sensação de pertença a uma comunidade e potenciando a integração ao mesmo tempo que a partilha e a colaboração.

De acordo com Burke e outros autores (2009) o sucesso de grupos de discussão numa comunidade depende de uma participação motivante gerada por um grupo com diversos participantes, onde a quantidade e qualidade das contribuições tende a crescer com a motivação dos participantes. O pertencer a uma comunidade que não se mostre fechada nas suas plataformas formais, mas que seja dinâmica e aberta ao mundo e a colaboração, assim como às redes sociais às quais os estudantes já chamam de suas, poderá trazer a motivação necessária ao estudante do ensino superior a distância, para não só permanecer mas também se destacar nos seus estudos.

Junco (2011, p. 163) sublinha que “A small-scale survey (MAZER, MURPHY, & SIMONDS, 2007) found that students who experienced more instructor self-disclosure on Facebook reported more motivation and higher levels of learning”.

Considerações finais

Embora, como refere Rambe (2012, p. 295), o impacto das redes sociais online na educação e no relacionamento estudante-docente ainda seja praticamente especulativo, devido ao baixo número de investigações sobre o assunto, o número de docentes que utiliza o Facebook nas suas práticas letivas tem vindo a aumentar. Assim como também tem vindo a aumentar o número de estudantes que utilizam esta e outras redes sociais online para a aprendizagem.

Por outro lado estamos de acordo com Burke e outros autores (2009), quando consideram que as redes sociais têm um enorme potencial, tão grande quanto o dos seus utilizadores. “Social networking sites (SNS) as only as good as the content their users share. Therefore designers of SNS seek to improve the overall user experience by encouraging members for contribution more content”. O Facebook poderá ter um importante papel na socialização e integração dos estudantes em EaD, e um grande potencial para criar e aumentar a rede de contatos de interesse para o estudante e mesmo para o docente, potenciando a colaboração e a conetividade.

A utilização das redes sociais como o Facebook no EaD irá depender do papel que os docentes adotarem para a integração destas redes nas suas metodologias de ensino. Como em qualquer situação de aprendizagem, o estudante aprende com o exemplo dado pelo professor. Assim, deverá ser o docente a dar o exemplo e a dar o primeiro passo, ao criar grupos de discussão, ao ter uma rede de contatos vocacionados para a educação e para a investigação, que possa transmitir aos estudantes, facilitando o contacto e a troca de ideias.

Referências

AHMAD, A. A Short Description of Social Networking Websites And Its Uses. (IJACSA) **International Journal of Advanced Computer Science and Applications**, v. 2, n.2, 2011.

ÁLVAREZ, G.; LÓPEZ, M. Análisis del uso de Facebook en el ámbito universitario desde la perspectiva del aprendizaje colaborativo através de la computadora. **EDUTEC, Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, 43, 201, p.1-153.

ANDERSON, T.; DRON, J. **Three generations of distance education pedagogy**. International Review of Research on Distance and Open Learning, 12(3), 80-97. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/890/1826>>. Acesso em: 28 abr. 2014

ANDERSON, T.; DRON, J. **Learning technology through three generations of technology enhanced distance education pedagogy**. European Journal of Open, Distance and E-Learning, 2012.

ARNOLD, N.; PAULUS, T. **Using a social networking site for experiential learning: Appropriating, lurking, modeling and community building**. The Internet and Higher Education, 13 (4), 2010, p.188-196.

BASSANI, P. B. S. Interpersonal exchanges in discussion forums: A study of learning communities in distance learning settings. **Computers & Education**, 56 (4), 2011, p.931-938.

BOYD, D. M., & ELLISON, N. B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**. doi:10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x, 2008.

BOYD, D. Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. In P. A. Zizi (Ed.), *Networked self: Identity, community, and culture on social network sites*. p.39-58, 2010.

BURKE, M., MARLOW, C., & LENTO, T. Feed Me: Motivating Newcomer Contribution in Social Network Sites. **Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems**, 2009.

BURKE, M., MARLOW, C., & LENTO, T. (2010). Social Network Activity and Social Well-Being. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, p.1909-1912, 2010. ACM.

CASTELLS, M. **The Network Society** - A cross-cultural perspective. M. Castells, ed., v. 59. Massachusetts: Edward Elgar Publishing, Inc. doi:10.2307/778114, 2004.

CRATO, R. **Vamos tomar um café online?** A expressão da presença social numa comunidade de aprendizagem online, Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional: ISPA, Lisboa, 2009.

CONOLE, G., ALEVIZOU, P. **A literature review of the use of Web 2.0 tools in Higher Education**, Report Higher Education Academy, Open University UK , Milton Keynes, 2010.

DALSGAARD, C. Social Software: E-learning beyond learning management systems', **European Journal of Open, Distance and ELearning**, Issue, 2006.

DEMERS, J. **The Top 7 Social Media Marketing Trends That Will Dominate**, 2014 - Forbes. Forbes. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/jaysondemers/2013/09/24/>

the-top-7-social-media-marketing-trends-that-will-dominate-2014/>. Acesso em: 26 mar. 2014.

DILLENBOURG, P. **What do you mean by collaborative learning?** Dillenbourg (ed.). Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches. Oxford: Elsevier, 1999, p.1-19.

DRON, J. e ANDERSON, T., Collectives, networks and groups in social software for e-Learning. In **Proceedings of World Conference on ELearning, in Corporate, Government, Healthcare and Higher Education**, Quebec, 2007.

ELLISON, B., STEINFELD, C., & LAMPE, C. The benefits of Facebook 'Friends': Social capital and college Students' use of online social networks sites. **Journal of Computer Mediated Communication**, 12 (4), 2007.

FACEBOOK. **Company Info | Facebook Newsroom.**

Facebook Newsroom, 2014. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 26 mar. 2014

HEIBERGER, G., HARPER, R. Have you facebooked Astin lately? Using technology to increase student involvement, **New Directions for Student Services**, 124, p.19-35, 2008.

HORIZON REPORT. NMC Horizon Report 2012 Higher Education Edition.

JUNCO, R. The relationship between frequency of Facebook use, participation in Facebook activities, and student engagement. **Computers & Education**, 58(1), p.162-171, 2012.

JUNCO, R. Too much face and not enough books: The relationship between multiple indices of Facebook use and academic performance, **Computers in Human Behaviour**, doi:10.1016/j.chb.2011.08.026, 2011.

KRAUT, R., KEISLER, S., BONEVA, B., CUMMINGS, J., HELGESON, V., & CRAWFORD, A. Internet Paradox Revisited. *Journal of Social Issues*, 58 (1), p.49-74, 2002. Disponível em: <<http://homenet.hcii.cs.cmu.edu/progress/paradox-revisited-16-2.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

KRAUT, R., PATTERSON, M. LUNDMARK, V. & Kiesler, S, TRIDAS, M., & SCHERLIS, W. Internet paradox: a social technology that reduces social involvement and psychological well-being?, **American Psychologist**, 53, p.1017-1031, 1998.

LOPES, M-P. (2011). **O mundo é pequeno.**

LLORENS, F, CAPDEFERRO, N. Facebook's Potential for Collaborative e-Learning. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento** (RUSC), v.8, n.2, 2011, p.197-210.

LOVING, M., & OCHOA, M. Facebook as a classroom management solution. *New Library World* 112 (3/4), 2011, p.121-130.

MADGE, C., MEEK, J., WELLENS, J., & HOOLEY, T. Facebook, social integration and informal learning at university: It is more for socialising and talking to friends about work than for actually doing work. **Learning, Media and Technology**, 34 (2), 2009, p.141-155.

MASON, R., RENNIE, F. **Elearning and Social Networking Handbook**. London: Routledge, 2008.

MAZER, J., MURPHY R., & SIMONDS, C. **I'll See You On Facebook**: The Effects, of Computer-Mediated Teacher Self-Disclosure on Student Motivation, Affective Learning, and Classroom Climate, *Communication Education* 56(1), 2007, p.1-17.

MAZER, J., MURPHY, R. and SIMONDS, C. 'The Effects of Teacher Self-Disclosure via Facebook on Teacher Credibility' Learning, **Media and Technology** 34(2), 2009, p.175-183.

MORGADO, L. The networked class in a master program: personalization and openness through social media, in Wankel, C. (Ed). **Educating Educators with social media**, Emerald, 2011.

MEISHAR-TAL, H., KURTZ, G., & PIETERSE, E. Facebook Groups as LMS: A Case Study, **The International Review of Research in Open and Distance Learning**, 13 (4), 2012, p.34-48.

MEJIAS U. Teaching Social Software with Social Software. Innovate: **Journal of Online Education**, v.2, (5), 2006.

NENTWICH, M., KONIG, R. Academia Goes Facebook? The Potential of Social Network Sites in the Scholarly Realm. In **Opening Science: The Evolving Guide on How the Internet is Changing Research, Collaboration and Scholarly Publishing**, 2014, p.107-124. Springer Open.

PEMPEK, A., YERMOLAYEVA, A., & CALVERT, L. (2009). College students' social networking experiences on Facebook. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 227- 238. Disponível em: <<http://www.educause.edu/EDUCAUSE+Quarterly/EDUCAUSEQuarterlyMagazineVolum/EnvisioningthePostLMSEraTheOpe/199389>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

PISCITELLI, A.; ADAIME, I. & BINDER, I. (Coord). **El proyecto Facebook y la posuniversidad**. Barcelona: Ariel-Fundación Telefónica, 2010.

PRENSKY, M. (n.d.). **Digital Natives, Digital Immigrants**. On the Horizon (MCB University Press, Vol. 9 No. 5). Disponível

em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

QUINTAS-MENDES, A., MORGADO, L. & AMANTE, L. Online Communication and E-Learning in Kidd, T. & Holim S., Handbook of Research on Instructional Systems and Technology, **Information Science Reference**, 2008.

QUINTAS-MENDES, A., MORGADO L. & AMANTE, L. Comunicação Mediatizada por Computador e E-Learning: da Distância à Proximidade, In SILVA, Marco; PESCE, Lucila & ZUIN, Antônio (Eds). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

RAMBE, P. Critical discourse analysis of collaborative engagement in Facebook postings. **Australasian Journal of Educational Technology**, 28 (2), 2012, p.295–314.

ROBLYER, M. D., Mcdaniel, M., WEBB, M., HERMAN, J., & WITTY, J.V. Findings on Facebook in higher education: A comparison of college faculty and student uses and perceptions of social networking sites. **The Internet and Higher Education**, 13(3), 2010, p.134–140.

SIEMENS, G. (n.d.). **Connectivism**: A Learning Theory for the Digital Age. Elearnspace. Disponível em: <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em 12 abr. 2014.

SELWYN, N. Faceworking: exploring students' education-related use of Facebook. **Learning, Media and Technology**, 34 (2), 2009, p.157–174.

STURGEON & WALKER (2010). Faculty on Facebook: Confirm or Deny? 14th **Annual Instructional Technology Conference Middle Tennessee State University**,

Murfreesboro, Tennessee, Disponível em: <<http://www.cmsturgeon.com/itconf/facebook-report.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2014.

WILSON, R. E., GOSLING, S. D., & GRAHAM, L. T. **Perspectives on Psychological Science**. SAGE, 2012. Disponível em: <[http://00t0holtgrav.iweb.bsu.edu/492/Perspectives on Psychological Science-2012-Wilson-203-20.pdf](http://00t0holtgrav.iweb.bsu.edu/492/Perspectives%20on%20Psychological%20Science-2012-Wilson-203-20.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2014.

WANG, Q., WOO, L., QUEK, L., YANG, Y., & LIU, M. Using the Facebook group as learning management system: An exploratory study. **British Journal of Educational Technology**, 2011.

WALTHER, J. B. **Interpersonal effects in computer-mediated interaction**: a relational perspective, *Communication Research*, 19, 1992, p.52-90.

ZHAO, S. Do Internet Users Have More Social Ties? A Call for Differentiated Analyses of Internet Use. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 2006, p.844-862.